



Jornalismo esportivo e invisibilidade feminina: análise da cobertura da olimpíada de 2012 realizada pelos jornais Lance! e Folha de S.Paulo¹

Valquíria Michela John²
Stefânia Enderle³
Pricilla Tiane Vargas⁴

Resumo

Há poucas mulheres nas redações esportivas e há poucas mulheres protagonistas do noticiário esportivo, principalmente na mídia impressa, berço histórico dessa área do jornalismo. A imprensa nacional, representada por veículos especializados como o jornal O Lance! ou por jornais de circulação nacional, como Folha de São Paulo, não parece fugir a este modelo. Buscou-se com esta pesquisa analisar se a mulher está ou não invisível na narração esportiva. Foi utilizado para a coleta e análise dos dados a análise de conteúdo para, deste modo, identificar como a questão de gênero é tratada no jornalismo esportivo nacional, tendo como foco a cobertura realizada pelos referidos jornais durante os jogos olímpicos de Londres. Os resultados apontam para a confirmação do pressuposto de pesquisa e em sintonia com os outros estudos realizados, evidenciando uma cobertura jornalística que além de ouvir poucas fontes, praticamente ignora as mulheres, mesmo na cobertura de um evento em que elas estão massivamente representadas.

Palavras-chave

Gênero; mulheres; jornalismo esportivo; cobertura olímpica.

Introdução

O jornalismo esportivo é uma das áreas que mais conquista leitores, principalmente porque é o espaço onde se narra uma das principais marcas da identidade nacional – o futebol. Apesar de o futebol ser considerado paixão nacional, há um discurso latente no imaginário popular, nas representações sociais em todo o país de que a mulher não entende de futebol, portanto não está qualificada para narra-lo, comenta-lo ou pratica-lo. Em outros esportes, a presença feminina é um pouco mais efetiva, ainda assim, predomina uma cobertura majoritariamente masculina no mundo dos esportes.

Os meios de comunicação, em particular a mídia impressa que tem uma relação tão estreita com o esporte, contribuem ou não para o reforço desse estereótipo? Por que há tão

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

Esta pesquisa foi desenvolvida com financiamento do artigo 170 da Constituição Estadual de Santa Catarina.

² Jornalista, Mestre em Educação, doutoranda no PPGCOM/UFRGS. Professora do curso de Jornalismo da Univali, Itajaí/SC pesquisadora do grupo Monitor de Mídia. E-mail: vmichela@gmail.com

³ Acadêmica do 6º. período do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Email:

⁴ Acadêmica do 6º. período do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Email:

poucas mulheres ainda na prática do jornalismo esportivo impresso e porque tão raramente ela protagoniza o noticiário esportivo de um modo geral? Ao trabalharem com o discurso, com a narração sobre a vida diária, os meios de comunicação atuam como espaços de disputa de poder, verdadeira “arena” do poder simbólico e das lutas de grupos sociais. Se a mulher está efetivamente ausente do jornalismo esportivo, a luta torna-se desigual e a possibilidade de se alcançar a equidade de gênero muito mais problemática.

O maior evento esportivo do mundo, os jogos olímpicos, constitui um momento importante para verificar se a invisibilidade da mulher na cobertura esportiva efetivamente apresenta-se como uma problemática. Nas olimpíadas, o futebol é apenas mais um dos esportes, há uma diversidade enorme de modalidades e práticas que congregam o público feminino, algumas das quais tendo o nosso país como referência, como um dos favoritos, caso do vôlei feminino de quadra e areia e de modalidades do atletismo como salto com vara e salto em distância, entre outros.

Esta pesquisa teve como proposta analisar, justamente, a cobertura desse evento, os jogos olímpicos de Londres, realizados no período de 27 de julho a 12 de agosto de 2012. A intenção foi a de verificar como a mídia impressa nacional trabalha a cobertura a partir da perspectiva de gênero verificando, deste modo, se em pleno século XXI ainda persiste a ideia de que o esporte (de maneira geral) é uma prática inerente ao público masculino.

Como já dito, num país que tem como marca de sua identidade nacional a paixão pelo futebol, está convencionado no discurso do senso comum que a mulher não gosta, não entende, não sabe nada sobre futebol, não devendo, portanto, ser ouvida. Mas, e quando se trata de outros esportes, há mudança nessa concepção? Uma forma de problematizar essa realidade é verificar a quantidade de mulheres que atuam na cobertura esportiva e outra é verificar a presença delas como fonte das notícias. A proposta desta pesquisa foi, então, a de verificar se há invisibilidade e atribuição de status inferior ao feminino na cobertura esportiva dos principais jornais que trabalham com o tema. A problemática concentra-se, portanto, em verificar se há mulheres protagonizando as matérias, se elas são ouvidas e são vistas como capazes de falar e narrar os esportes tendo como foco a realização do mais importante evento esportivo do mundo – os jogos olímpicos. As questões centrais desta pesquisa foram: Qual o espaço destinado às mulheres na cobertura esportiva dos jogos olímpicos realizada pelos



jornais Lance! e Folha de S.Paulo? Qual o status atribuído às mulheres quando são fontes dessas notícias?

Para responder a esses questionamentos, estabelecemos como objetivo geral desta pesquisa analisar o espaço e o destaque dados à mulher no conteúdo do jornalismo esportivo durante a cobertura dos jogos olímpicos de Londres realizada pelos jornais Lance! e Folha de S.Paulo. E como objetivos específicos:

- Identificar a presença das mulheres como fontes das notícias e quais suas qualificações.
- Verificar a participação de mulheres na redação das notícias.
- Mapear a presença de mulheres como produtoras e fontes de notícias no período que destaca a Olimpíada de Londres.
- Elencar os esportes em que as mulheres são protagonistas, fontes ou produtoras de notícias.

Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa exploratória do tipo documental que utiliza uma abordagem quali-quantitativa. Tem como objeto o conteúdo esportivo dedicado à cobertura dos jogos olímpicos de Londres realizada pelos jornais Lance! e Folha de S. Paulo durante todo o intervalo de realização dos jogos. Os jogos olímpicos de 2012 foram realizados no período de 27/07 a 12/08, entretanto, de modo a acompanhar os preparativos e as repercussões do evento, o intervalo estabelecido para coleta e análise compreendeu 15 dias antes do início e 15 dias após o término do evento. Portanto, o corpus de análise contempla todas as edições dos jornais no período de 12/07 a 27/08/2012, totalizando 47 edições de cada um dos jornais num total de 94 jornais analisados.

O método utilizado para a coleta e análise dos dados foi a análise de conteúdo (AC), método recorrente quando se busca refletir sobre o conteúdo veiculado nos meios de comunicação, particularmente na mídia impressa, fato destacado pelo próprio desenvolvimento dessa forma de análise. Conforme BARDIN (1977), no ano de 1940, nos Estados Unidos, a análise de conteúdo conquistou espaço como método científico aplicado principalmente em documentos jornalísticos. Foi por meio de estudos quantitativos que a

Escola de Jornalismo da Colúmbia buscou analisar o grau de sensacionalismo na atuação da imprensa, tanto de periodicidade semanal, quanto diária.

Segundo DUARTE e BARROS (2005) a análise de conteúdo utiliza várias técnicas no estudo de elementos simbólicos. Sua aplicação resulta na obtenção de dados objetivos, sistemáticos e quantitativos, mas há, também, o aspecto interpretativo, ou seja, trata-se de um procedimento com características quantitativas e qualitativas, aspecto adotado nesta pesquisa.

A AC pode ser realizada a partir de dois pontos: dos significados, baseada em temas; ou dos significantes, a observação léxica ou metodológica. A validação desta aplicação técnica deve considerar regras quanto à formulação de categorias, procedimento que integra a primeira fase da pesquisa. Esta prática é chamada de *categorização*, facilitadora da *codificação* dos dados coletados (BARDIN, 1977, p. 113).

Esta parte da aplicação da AC consiste na elaboração de categorias a partir de algumas palavras ou expressões presentes no objeto de estudo, no caso desta pesquisa, a qualificação das fontes a partir da proposição de LAGE (2002). Conforme Bardin, na organização das categorias é preciso que se adaptem as seguintes regras: quanto à *homogeneidade*; à *exaustividade* no conjunto do texto; à *exclusividade*; à *objetividade*; adequação ou *pertinência*, na busca dos objetivos da investigação.

Conforme BARDIN (1977) a análise de conteúdo passa por três etapas específicas chamadas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Cada uma destas fases é composta de vários procedimentos que possibilitam a passagem de uma etapa para a posterior. O primeiro passo é a *leitura flutuante*, a partir dela há o contato com o documento a ser analisado, etapa a ser realizada já na primeira semana da coleta dos jornais. Para organizar os indicadores, a delimitação do texto, a *categorização* e *codificação* são passos essenciais em vista da aplicação e da obtenção final dos resultados. Para BARDIN, a exploração do material consiste na realização da análise em si. Neste momento, as unidades ordenadas pela *categorização* e *codificação* são aplicadas na intenção de obter os dados para posterior interpretação. Na terceira e última fase os dados apurados são submetidos a operações estatísticas, a *inferências* e interpretações, a fim de responder aos objetivos da investigação.

Nesta pesquisa, a primeira etapa foi a de quantificação das fontes femininas em relação às fontes masculinas na cobertura da olimpíada feita pelos jornais, adotando o pressuposto de frequência/ausência de Bardin. Após, foi realizada a categorização das fontes

femininas, ou seja, a atribuição do status dado às mulheres a partir da classificação de fontes de LAGE (2002), que as separa em: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas e experts. Para este processo foi adotada também a classificação da visibilidade feminina conforme critérios do Monitoramento Global de Mídia (WACC, 2012).

Foram analisadas, primeiramente, as capas dos jornais para verificar quais temas olímpicos ganharam destaque e, deste modo, já identificar a presença de mulheres. A análise se concentrou, entretanto, nas notícias publicadas na editoria de Esportes (caso da Folha de S.Paulo) e cadernos especiais sobre a olimpíada (ambos os jornais). No caso do jornal O Lance!, como se trata de um diário esportivo, foi analisado todo o jornal, focando exclusivamente nas notícias, excluindo, portanto, o conteúdo opinativo do jornal uma vez que o interesse era nas fontes de informação utilizadas.

Análise e discussão dos resultados

As discussões sobre gênero ganharam força a partir das décadas de 1960 e 1970, com a organização do movimento de mulheres. Com o alargamento da crítica feminista, a discussão acerca da equidade de gênero passou a constituir-se como o ponto central na luta das mulheres.

Ao longo de toda a história do movimento feminista e da luta pelos direitos das mulheres, o espaço discursivo sempre desempenhou papel central. Levando-se em conta que as relações de gênero não são naturais e sim construídas social e historicamente, o discurso atua decisivamente na construção de nossas representações quanto ao mundo e quanto às atribuições dos papéis de homens e mulheres no contexto social. Como afirmam FUNCK e WIDHOLZER (2005), “os estudos contemporâneos de gênero e da cultura em geral têm, portanto, suas bases solidamente firmadas na materialidade do discurso.”

Nesse contexto, o discurso da mídia ocupa papel privilegiado na narrativa e na construção das representações acerca do feminino e do masculino na sociedade. Como a história diária é narrada pelos meios de comunicação de massa, sua construção discursiva pode contribuir para a desmistificação de tabus, mitos e estereótipos ou, ao contrário, contribuir para reforçá-los e legitimá-los. Neste sentido, é fundamental verificar como a mulher aparece (ou não) na cobertura jornalística.

A escolha pelo jornalismo esportivo não é por acaso. Historicamente, esta área do jornalismo tem deixado a mulher à margem de suas narrativas. COELHO (2004) destaca que até a década de 1970 era quase impossível encontrar mulheres no jornalismo esportivo. Embora muito já se tenha conquistado, o autor aponta que hoje apenas 10% dos jornalistas esportivos são mulheres. A ausência não é apenas da mulher que narra, mas também da mulher que é notícia. Poucas têm sido as situações em que a mulher atua como protagonista nas matérias esportivas. Esta característica não é uma exclusividade do jornalismo esportivo. Pesquisa realizada pelo Monitoramento Global de Mídia⁵ aponta que as mulheres são escolhidas como fontes em no máximo 25% das notícias, sendo em geral fontes secundárias, dificilmente escolhidas como fontes oficiais ou especialistas⁶.

Para a realização do estudo “[...] foram monitorados 1.281 meios entre jornais diários, canais de televisão e emissoras de rádio em 108 países no dia 10 de novembro de 2009. A pesquisa engloba 16.734 notícias; 20.769 pessoas que trabalham nesses meios (locutores, apresentadores e repórteres) e 35.543 sujeitos das notícias, que são as pessoas entrevistadas e/ou aquelas sobre quem falam as notícias”. (WACC, 2012). O relatório aponta que a presença das mulheres nas notícias chegou a 24%, contra 17% da primeira pesquisa em 1995, o que demonstra que apesar do aumento, este foi lento e ainda persiste um mundo majoritariamente masculino nos noticiários, o que reforça as diferenciações a partir do gênero.

No caso específico do jornalismo esportivo, a pesquisa intitulada *International Sports Press Survey* aponta para um cenário praticamente idêntico. Realizada por Jörg-Uwe Nieland, da *German Sport University*, e Thomas Horkey, da *Macromedia University for Media and Communication*, em parceria com o *Danish Institute for Sport Studies (Idan)*⁷, o estudo constata que:

⁵ O Projeto de Monitoramento Global de Mídia (GMMP, sigla em inglês) é uma iniciativa da WACC – Associação Mundial para a Comunicação Cristã. É realizado desde 1995 e analisa a visibilidade das mulheres na cobertura jornalística mundial. Na primeira edição teve a participação de 71 países e em 2010, ano do último monitoramento, contou com 108 países participantes, entre eles o Brasil. Ao longo de todos esses anos (a pesquisa é realizada de 5 em 5 anos) a pesquisa evidencia a exclusão das mulheres nos meios noticiosos. (WACC, 2012)

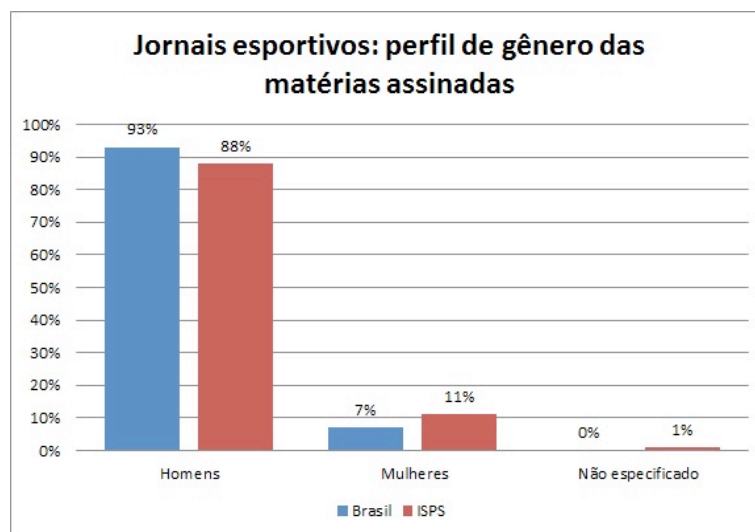
⁶ A definição de fontes, sua classificação, foi estabelecida a partir de LAGE (2002)

⁷ Instituto de pesquisa esportiva independente, financiado pelo Ministério da Cultura da Dinamarca (BARROS, 2012).

Ao redor do mundo, o jornalismo esportivo tem o costume de simplesmente ignorar temas como política esportiva, financiamento do esporte, esporte amador e, no caso do Brasil, até os preparativos para os megaeventos que o país vai sediar nos próximos anos. Também não costuma consultar mais de uma fonte para seus artigos e mantém uma hegemonia masculina, tanto nos autores quanto no foco das matérias. (BARROS, 2012)

Nessa pesquisa a análise compreende um corpus de 18.340 notícias publicadas em 81 jornais, provenientes de 23 países e publicadas no período de abril a julho de 2011. Os países analisados foram: Austrália, Brasil, Canadá, Dinamarca, Inglaterra, França, Alemanha, Grécia, África do Sul, Índia, Malásia, Nepal, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Romênia, Escócia, Cingapura, República Eslovaca, Eslovênia, Suíça Francesa, Suíça Alemã e Estados Unidos. Conforme Barros (2012), “O futebol foi a modalidade mais noticiada pelos jornais, com 40,5% das publicações do período. O tênis, segundo esporte mais abordado pelos jornais em todo o mundo, ficou com o índice de apenas 7,6%.”

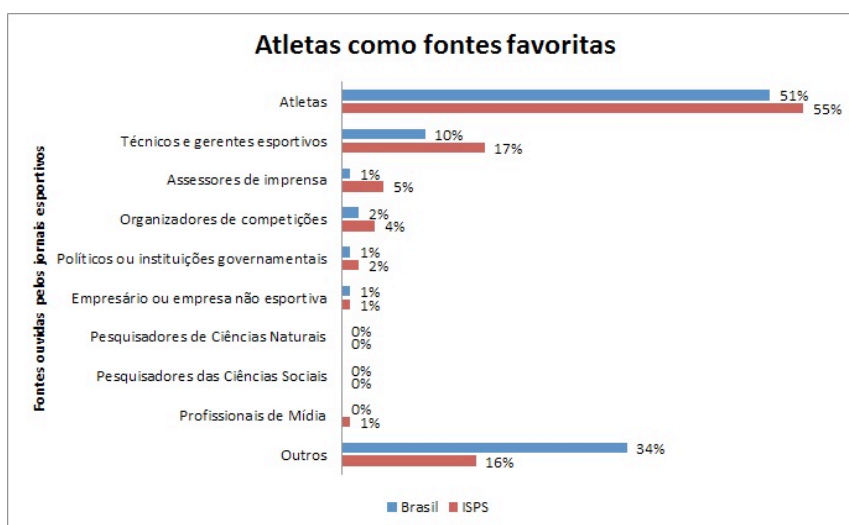
Especificamente sobre a questão de gênero, os dados não são animadores, ao contrário, reforçam os resultados do Monitoramento Global de Meios e vão ao encontro da pesquisa aqui relatada, conforme se verá a seguir. A pesquisa internacional indica que a cobertura esportiva é realizada, majoritariamente, por homens uma vez que apenas 11% dos textos analisados foram escritos por mulheres. O mesmo vale para as fontes, cerca de 85% das matérias focaram em um atleta homem. O gráfico a seguir evidencia a problemática encontrada



Fonte: Barros, 2012

O autor ainda destaca a seguinte problemática, esta relacionada à própria prática jornalística, ao compromisso com a diversidade de vozes.

Segundo a pesquisa, os jornalistas esportivos também não costumam escutar muitas fontes. Em mais de 40% dos artigos analisados, apenas uma fonte foi ouvida e uma em cada quatro matérias não usou fonte alguma. Técnicos e atletas representam quase a metade das fontes ouvidas. Pessoas ligadas ao governo e pesquisadores acadêmicos tiveram índices quase inexpressivos. (BARROS, 2012)



Fonte: Barros, 2012

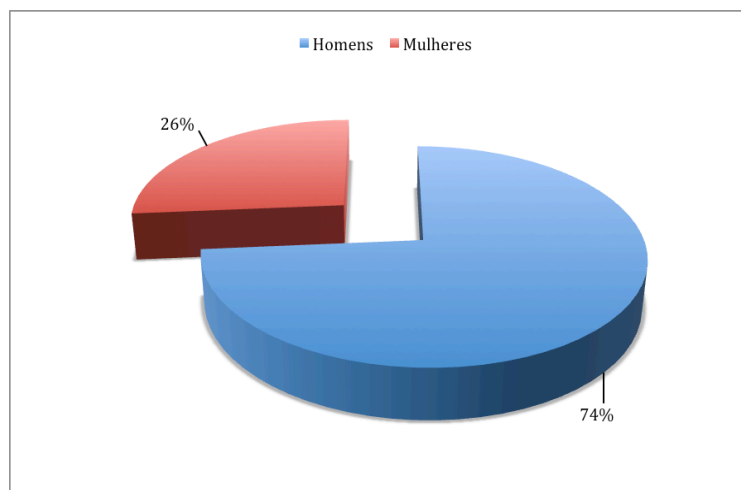
Se o discurso é, como afirma Foucault (1999) um espaço fundamental de exercício do poder, essa invisibilidade aponta para a efetiva existência do reforço de estereótipos ligados ao gênero no jornalismo esportivo. Os dados aqui analisados apontam para um panorama não muito distinto, como indicam os dados discutidos a seguir.

O corpus final de análise compreendeu 526 notícias analisadas⁸, publicadas no período de 12/07 a 27/08/2012 conforme já explicitado nos procedimentos. Desse total, 232 notícias foram publicadas pelo diário esportivo Lance! e 294 pela Folha de S.Paulo. Vale destacar que no período de 25 de julho a 13 de agosto, o jornal Lance! utilizou capas especiais. Já o jornal Folha de S. Paulo teve o caderno de esportes especial de 22 de julho à 13 de agosto.

⁸ É importante destacar que no período de 25 de Julho a 13 de Agosto, o jornal Lance! utilizou capas especiais. Já o jornal Folha de S. Paulo teve o caderno de esportes especial de 22 de Julho à 13 de Agosto.

No que se refere às fontes ouvidas para a produção dessas matérias, esta pesquisa confirma o resultado do estudo internacional sobre Jornalismo Esportivo. O jornal Lance!, principalmente, ouve poucas fontes uma vez que em 232 notícias analisadas encontramos um total de 345 fontes, ou seja, média de 1,48 fonte por notícia, contrariando entre outros preceitos, a premissa jornalística básica da diversidade de vozes na cobertura dos acontecimentos. O Lance! também reafirma o panorama internacional, tanto da pesquisa sobre jornalismo esportivo quanto do monitoramento realizado pela WACC, no que se refere ao objeto específico dessa pesquisa – a equidade de gênero na cobertura esportiva. As fontes do diário esportivo são, predominantemente, homens, como pode-se observar no gráfico a seguir:

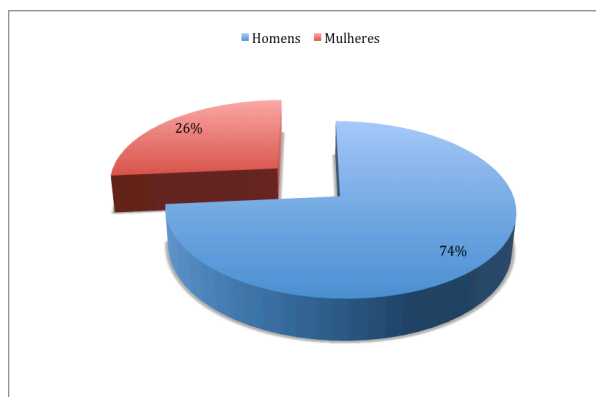
Gráfico 3 – Distribuição das fontes por sexo jornal Lance!



Fonte: dados da pesquisa

O panorama encontrado no jornal Folha de S.Paulo não é muito diferente embora seja positivo o fato de em 294 notícias terem sido ouvidas 628 fontes o que gera uma média de 2,15 fontes por notícia. Embora ainda não seja o ideal ao menos em grande parte das notícias ouviu-se duas visões sobre o acontecimento narrado. Já no que se refere à questão de gênero, o resultado não difere do jornal o Lance!, com exatamente os mesmos índices, ou seja, embora sejam ouvidas mais fontes, continua-se a privilegiar o olhar do homem, como evidencia o gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Distribuição das fontes por sexo jornal Folha de S.Paulo



Fonte: dados da pesquisa

Além da quantidade de fontes presentes nas notícias, outra forma de avaliar seu status é a partir da qualificação das fontes, ou seja, quem afinal de contas foi ouvido. Na cobertura realizada pelo jornal Lance!, predominaram as fontes primárias, tanto entre os homens quanto entre as mulheres ouvidas, como apontam os gráficos a seguir:

Gráfico 5 – Tipos de fontes masculinas jornal Lance!

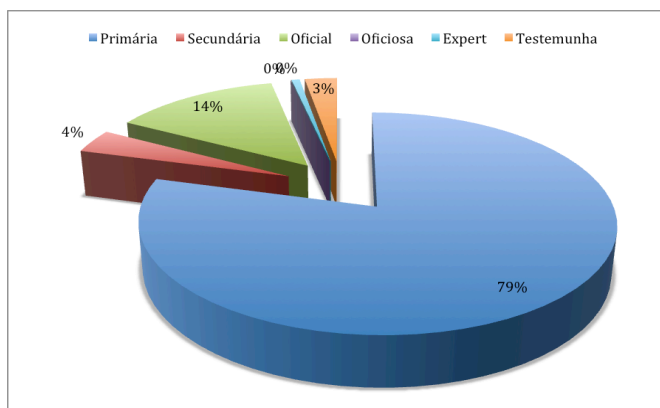
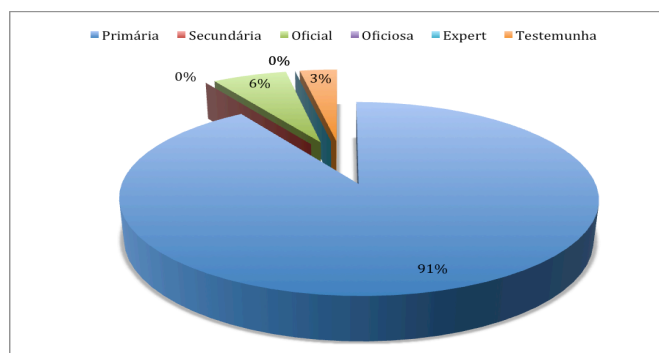


Gráfico 5 – Tipos de fontes femininas jornal Lance!



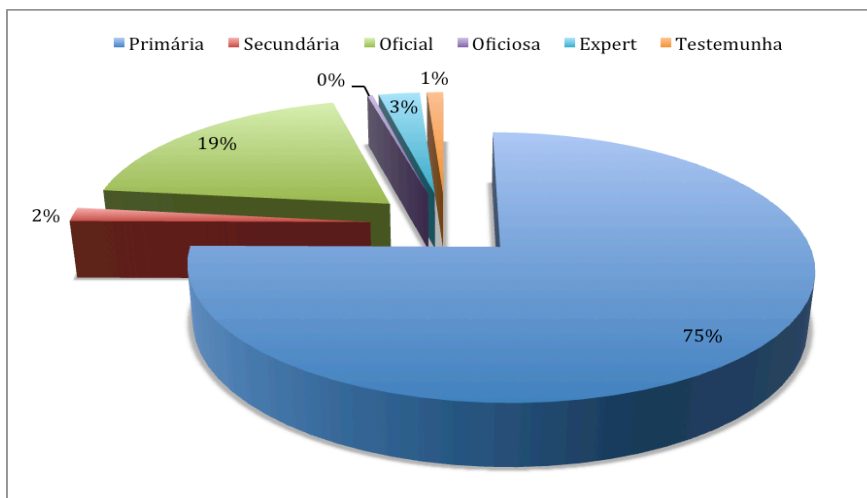
Fonte: dados da pesquisa

Fontes primárias, de acordo com Lage (2002), são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria – fornecem fatos, versões e números. São, em geral, as primeiras a serem ouvidas, aquelas que desencadeiam o fato, acontecimento, norteiam a cobertura. No caso da cobertura olímpica aqui analisada, atletas, técnicos, os personagens diretamente envolvidos no que foi narrado. Portanto, era esperado que o predomínio fossem as fontes primárias, o que chama a atenção, entretanto, é o baixo número de outras fontes ouvidas, notadamente as experts ou especialistas, que como explica Lage (2002) são geralmente fontes secundárias⁹, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos e mesmo de outras fontes secundárias que pudessem contribuir na contextualização dos acontecimentos narrados. No que se refere ao marcador de gênero, os gráficos apontam também que entre as fontes masculinas houve um pouco mais de incidência das outras fontes ao contrário das mulheres que eram majoritariamente fontes primárias.

Os resultados encontrados no jornal Folha de S.Paulo foram bastante similares. Predomínio de fontes primárias entre ambos os sexos, embora entre as fontes femininas uma incidência um pouco menor do que no jornal Lance! Os gráficos a seguir evidenciam esse aspecto:

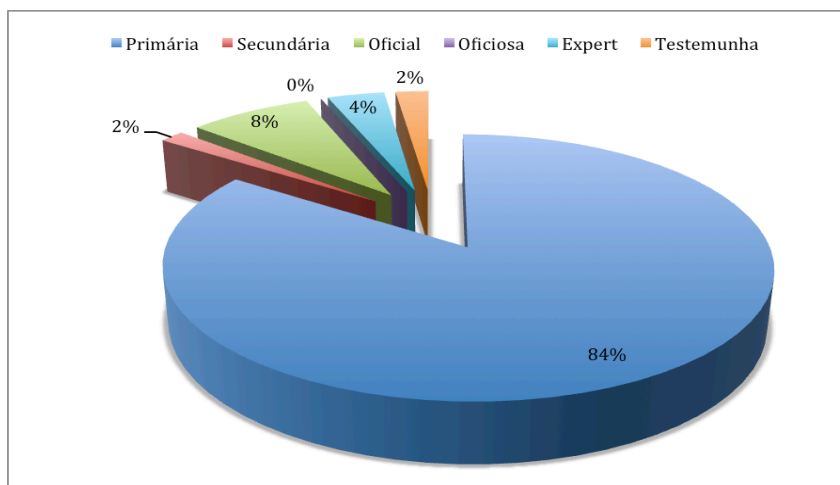
Gráfico 6 – Tipos de fontes masculinas jornal Folha de S.Paulo

⁹ De acordo com Lage (2002) fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 7 – Tipos de fontes femininas jornal Folha de S.Paulo



Fonte: dados da pesquisa

Destaque também para as fontes oficiais, que segundo Lage (2002) são aquelas mantidas pelo Estado, por instituições que preservam algum poder de Estado, sendo esta característica bastante comum no jornal.

Considerações finais

A análise da cobertura dos jogos olímpicos de Londres realizada pelos jornais Folha de S.Paulo e Lance! Evidenciam um panorama que vem sendo problematizado nos estudos sobre discurso e linguagem a partir da perspectiva de gênero, qual seja, a invisibilidade das mulheres como protagonistas do discurso, nesse caso, jornalístico. Os resultados de ambos os jornais, com mais de 70% das fontes do sexo masculino evidencia que mesmo em um evento esportivo em que a presença das mulheres está consolidada e cujos esportes nacionais estão praticamente em condições de igualdade na representatividade dos sexos nos jogos mostra que a prática jornalística esportiva do país ainda está presa aos estereótipos de gênero que vem sendo contestados pelos movimentos de mulheres em todo o mundo de forma mais enfática desde os anos de 1960.

Muitas conquistas já foram realizadas no campo das relações de gênero, porém, se a prática discursiva, sobretudo a jornalística com seu estatuto de verdade, continuam a reforçar a atribuição de papéis diferenciados, e neste caso negativo, de homens e mulheres, entendemos que luta pela equidade de gênero torna-se mais lenta e mais complexa haja vista que o discurso pode até não ser sinônimo de comportamento, mas tem grande peso e participação nas construções sociais e culturais dos lugares onde vivemos. Não pretendemos com isso afirmar que os jornalistas responsáveis pela cobertura e/ou que os jornais analisados tenham como posição ideológica uma perspectiva sexista ou que intencionalmente tenham delegado papel menor às mulheres na cobertura da última olimpíada. Ao contrário, acreditamos que isso se deva às próprias rotinas jornalísticas que em geral são assimiladas e pouco questionadas no dia a dia, uma espécie de status quo do jornalismo cotidiano. Porém ressaltamos que dentro da prática jornalística é importante que sempre ocorra a reflexão sobre os possíveis alcances da mensagem, sobre a importância do discurso jornalístico sobre a vida cotidiana e, neste sentido, que ao quebrar com “essas rotinas” pode-se contribuir para a contestação de uma ordem social e cultural vigente tomada como normal e/ou natural. A principal reivindicação dos estudos sobre as relações de gênero é justamente essa: que se compreenda que o gênero não nasce conosco, é um atributo social, cultural, histórico em que o discurso sobre esses atributos tem papel central em seu reforço ou em sua contestação.

Ao evidenciar os números desta pesquisa o que pretendemos é, justamente, contribuir para o direcionamento de reflexões acerca da importância do discurso jornalístico neste cenário. Entendemos que outras pesquisas da mesma natureza são importantes e necessárias

para melhor vislumbrarmos este cenário. Por isso, consideramos importante analisar a presença/ausência da mulher como fonte em outras editorias, em veículos nacionais e também regionais de modo a ampliarmos esta reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70 Ltda., 1977.
- BARROS, Ciro. **Jornalismo Esportivo: nem mulheres, nem fontes**. Jornal Correio do Brasil. Disponível em <http://correiodobrasil.com.br/?p=542698#.UMDjcuRIVBE>
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FUNCK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos na mídia**. Santa Cruz: Edunisc, 2005.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LAVINAS, Lena. Gênero, Cidadania e Adolescência. In: MADEIRA, Felícia Reicher (org.). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- OKIN, Susan Moller. “Gênero, o público e o privado.” **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2008, vol.16 (2), p.305-332.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, UFRGS, 1995, vol.20 (2).
- SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001. 384 p. (Coleção Mulher).
- WACC - *The World Association for Christian Communication*. **The Global Media Monitoring Project Report 2010**. Disponível em: <http://www.whomakesthenews.org/>, acesso em 21/02/2012.

confmidiacidada2013@gmail.com.